

Ricardo Teixeira \*

# Elementos para o estudo da ocupação romana no Alto Douro: bacia hidrográfica dos rios Varosa e Balsemão

## INTRODUÇÃO

As bacias dos rios Balsemão e Varosa, afluentes da margem esquerda do Douro, correspondem aproximadamente aos actuais limites administrativos dos concelhos de Lamego e de Tarouca, constituindo uma vasta área, encaixada entre o Douro e as Serras do Montemuro e da Nave, a Sul, para a qual não dispomos de quaisquer trabalhos de inventário ou carta arqueológica publicados.

Centrando-nos apenas no período romano, vemos que, nos últimos anos, são essencialmente os textos epigráficos que têm atraído a atenção dos investigadores. Revelaram-se novas epígrafes entretanto descobertas e foram revistas e reinterpretadas leituras antigas e ultrapassadas (Vaz 1979, 1982, 1982a, 1983). O trabalho de síntese cartográfica e de caracterização de sítios e achados romanos apresentado por Jorge Alarcão (Alarcão 1988), válido e útil à escala nacional, revela-se frágil e com evidentes lacunas quando transposto para a escala regional de análise em que nos situamos<sup>1</sup>.

Estamos pois ainda longe de poder traçar com a objectividade e o rigor que desejaríamos os contornos do processo de romanização da bacia média do Douro. A falta de trabalhos de síntese sobre o assunto reflecte a ausência de verdadeiros programas de pesquisa sistemática no terreno, continuando a remeter-nos inevitavelmente para um pequeno conjunto de locais que têm merecido destaque pela notoriedade ou particularidade dos seus vestígios. Referimo-nos a

■ Arqueólogo. Mestre em Arqueologia. Investigador do GEHVID.

1 Observe-se, a título exemplificativo, o mapa que apresentamos e compare-se a densidade de vestígios na área que prospectámos com o número dos que se encontram referenciados por Alarcão nas zonas envolventes.

Panóias, Cárquere, Cidadelhe, Fonte do Milho, Tralhariz..., alguns deles também ainda insuficientemente estudados.

Assim, o quadro do povoamento, a organização do espaço e a localização dos núcleos urbanos que estruturavam o território regional, o traçado da rede viária, as modalidades e evolução dos tipos de *habitat* – *villa*, *vicum*, *forum*, *mutatio*, *civitas*, *oppidum*, casal ou outros – são elementos essenciais deste período que nos continuam a escapar.

Ao retomarmos o estudo das fases subsequentes da história regional – Alta Idade Média, Reconquista e primeiros tempos da formação da nacionalidade – interessa-nos particularmente o conhecimento dos antecedentes romanos, alto e baixo imperiais, sobre cuja estrutura assenta o quadro geopolítico e administrativo suevo-visigótico da sede episcopal lamecense.

É neste contexto que se apresentam estas linhas, cujo objectivo é essencialmente o de contribuir para um inventário dos vestígios romanos desta parcela duriense. Não apresenta um carácter sistemático nem sequer uma estrutura unitária, pois foi construído a partir de elementos que fomos coligindo ao longo do tempo, no decurso de trabalhos feitos com motivações e perspectivas variadas<sup>2</sup>. Para além dos locais que já se encontravam referidos na bibliografia, apresentam-se também diversas estações arqueológicas inéditas, ajudando a preencher o quadro que futuramente há-de fundamentar uma síntese sobre o povoamento romano regional.

O trabalho consta de uma primeira parte em que se apresentam, em linhas gerais, elementos e reflexões acerca da estrutura da rede de povoamento regional em épocas pré-romana e romana. Como complemento, a segunda parte é constituída por um breve inventário das estações referenciadas, utilizando-se uma ficha descritiva com os seguintes elementos: N° Cartográfico; Designação da estação; Localização administrativa; Coordenadas Gauss; Altitude; N° da Carta Militar; Caracterização e Bibliografia. A cidade de Lamego mereceu um tratamento gráfico próprio, ensaiando-se uma cartografia dos elementos romanos identificados. Finalmente é também apresentada uma cartografia do conjunto das estações, na escala 1: 250 000, que permite visualizá-las no contexto mais amplo do povoamento romano da bacia média do Douro.

<sup>2</sup> Este texto, sob a forma de apontamentos, resulta essencialmente de um conjunto de elementos, alguns dos quais coligidos há mais de uma década, em que se reúnem dados obtidos em condições diversas. Alguns remontam a 1982, quando, ainda estudante, realizávamos um estudo para a Faculdade (TEIXEIRA 1982), outros a 1990, quando preparávamos o dossier de património arqueológico do Plano Director de Tarouca (TEIXEIRA 1992). Numa altura em que se anima o interesse histórico e arqueológico pela região duriense, entendemos oportuna a publicação destes elementos, alguns com bastante tempo, mas em todo o caso actuais e úteis por se referirem também a locais inéditos, não referenciados na bibliografia sobre a região.

## O QUADRO DO POVOAMENTO PRÉ-ROMANO

O tipo de *habitat* sob a forma de povoado fortificado que terá prevalecido e caracterizado a estrutura e a rede de povoamento do Noroeste nas vésperas da conquista romana encontra-se bem representado nesta região. O primeiro aspecto a merecer comentário diz respeito ao número destes povoados que não será talvez tão elevado como uma leitura menos atenta da bibliografia poderia fazer crer. Com efeito, a existência de locais fortificados não é exclusiva deste período, e muitas serão certamente as implantações deste tipo que poderemos vir a atribuir ao período Altomedieval e da Reconquista, podendo ter ou não ocupações anteriores. O denominado «castro» da Penajóia é um exemplo dos que teremos de riscar do período pré-romano.

Relativamente ao espaço da cidade de Lamego, também a pré-existência de um «castro» no local do actual castelo resulta problemática, não passando de uma hipótese que, apesar de plausível, não possui para já qualquer fundamento material.

Restam pois nesta área 6 povoados fortificados com ocupação pré-romana, cuja existência se pode documentar através das estruturas de fortificação ainda visíveis e das cerâmicas recolhidas à superfície (nº 1, 5, 11, 17, 20).

A implantação destes povoados parece seguir dois modelos aparentemente distintos: os que se localizam a grande altitude, no rebordo de zonas planálticas, mas sobranceiros a bacias hidrográficas importantes, com vista sobre largos horizontes tanto da zona planáltica como do vale; os que se localizam a baixa altitude, em outeiro ou remate de esporão, no centro do vale, na confluência de linhas de água importantes.

O povoado fortificado de S. Domingos (nº 1) implanta-se a 738 m de altitude, numa elevação situada no rebordo ocidental da zona planáltica de Armamar, dominando o curso inferior do Varosa, na confluência deste rio com o Douro. O «Castro» de Mondim (nº 20) situa-se, por sua vez, a 855 m de altitude, no rebordo Norte do planalto da Serra de Leomil, dominando toda a vasta bacia do Varosa, na zona de Tarouca. Finalmente o povoado fortificado da Maia/Sta. Bárbara (nº 5) localiza-se num remate de esporão da vertente da Serra de Sta. Helena, sobranceiro à Ribeira de Tarouca, numa altitude que ultrapassa os 1000 m. A estratégia de implantação destes três povoados enquadra-se no primeiro modelo que definimos, ligado talvez a sociedades com uma economia essencialmente pastoril – a proximidade imediata é a da serra e do planalto, onde se deveriam situar os principais recursos destes povoados. O domínio do vale resulta mais aparente do que real – parecendo representar mais um controlo visual sobre uma área que se situa já frequentemente fora do percurso realizável numa única jornada.

Os outros dois povoados fortificados, Sta. Bárbara/Castelo (nº 17) e Torrão

(nº 11) correspondem a uma implantação do tipo do segundo modelo que definimos. Sta. Bárbara situa-se no coração da veiga do Varosa, num outeiro apto para a exploração de amplos recursos fluviais e fundiários. O povoado fortificado do Torrão implanta-se num pequeno remate de esporão situado a 165 m de altitude, na confluência do rio Varosa com o Douro, mesmo junto a estes rios. Os recursos fluviais do Douro (aí incluindo a navegabilidade e as trocas comerciais eventualmente associadas a uma via de penetração a partir do litoral) parecem ter aqui sido determinantes.

Que sentido atribuir a estes dois modelos de implantação aparentemente distintos? À natural complexidade da questão junta-se ainda a escassez e fragilidade dos dados informativos de que dispomos para a região. Na ausência de sondagens arqueológicas é a própria questão essencial da cronologia que fica por esclarecer. Seriam todos estes povoados contemporâneos entre si? Estariam todos eles ainda ocupados aquando da conquista romana?

Infelizmente os dados de que dispomos não nos permitem responder inequivocamente a qualquer destas ou outras questões. Em nenhum dos povoados se realizaram escavações arqueológicas científicas. Os trabalhos efectuados no início do século no «Castro» de Mondim dão-nos algumas pistas para a compreensão deste povoado, mas não nos permitem a generalização dessas observações. O povoado parece ter as suas raízes no Bronze Final, com a construção de um primeiro reduto defensivo em talude, situado no topo da elevação. Aparentemente a ocupação seria contínua e o povoado teria sido romanizado, sendo então acrescentada uma segunda muralha em pedra, de perímetro alargado. Teremos aqui um exemplo de «sucesso» de um povoado implantado segundo uma estratégia «arcaica» da Idade do Bronze, que se soube adaptar e integrar na nova ordem imposta por Roma? Dos outros dois povoados deste tipo, um – S. Domingos – não parece ter conhecido ocupação romana, e o outro – Maia – apresenta alguns vestígios romanos à superfície – cuja cronologia não é determinável – mas que, sem testemunhos directos na estrutura do *habitat*, não poderemos afirmar seguramente que se trate de romanização e não de reocupação mais tardia de um povoado que à própria data da conquista poderia estar já abandonado.

Em termos de organização do território e identificação de hierarquias na rede de povoamento, os elementos disponíveis para a época pré-romana são escassos e no actual estado da investigação seria prematuro querer estabelecer tal quadro. Desconhecemos também o nível de interacção social e política existente entre as diversas comunidades habitantes dos povoados fortificados que estudamos. Tomando como base os elementos da reorganização territorial romana, que geralmente tomava em consideração algo da realidade pré-existente, e seguindo a proposta de J. de Alarcão (Alarcão 1988) esta seria a região dos *Coilarni*. Não sabemos, no entanto, qual o grau de identidade e integração sócio-política que

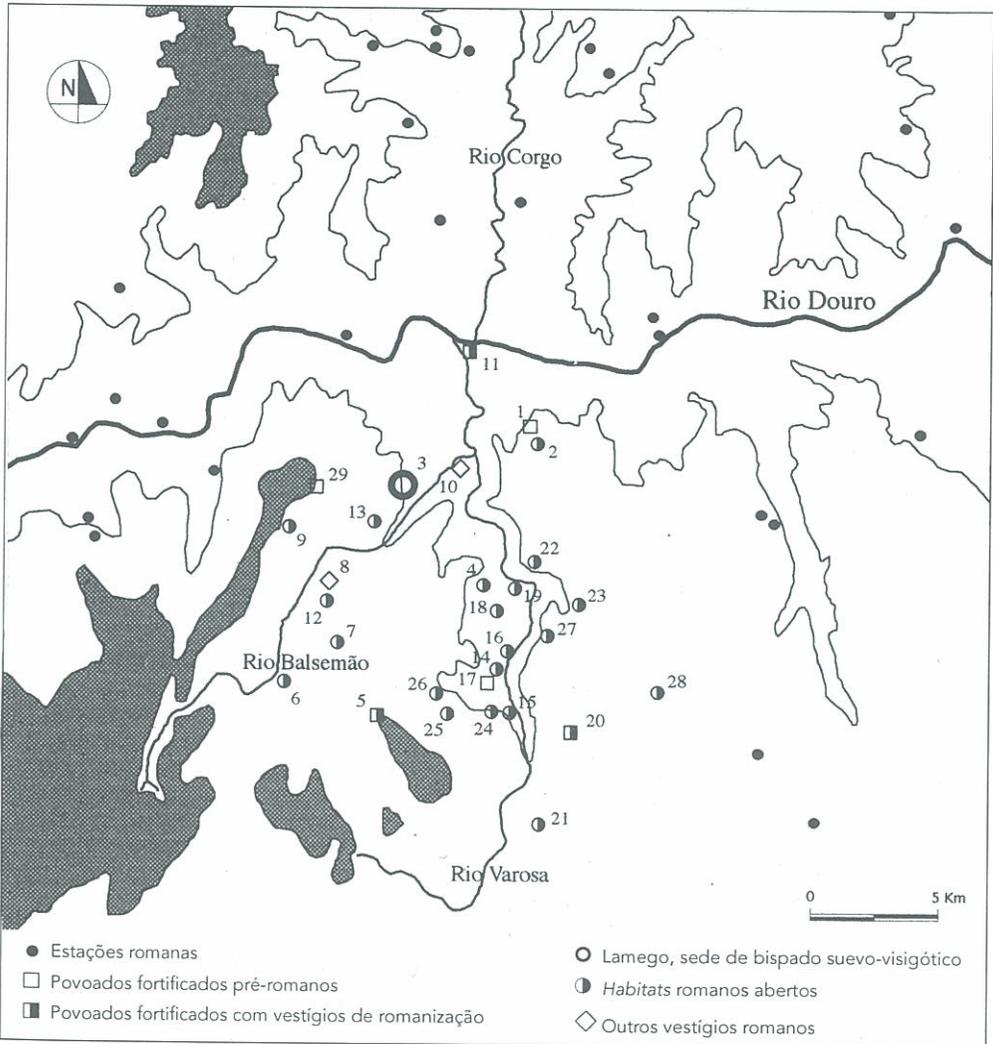
lhes corresponde, nem tão pouco se será lícito sequer procurar no *habitat* um lugar central pré-romano que assumisse uma qualquer capitalidade. Esse lugar central, se existiu, poderá ter-se localizado até fora da área que estudamos, mas nela é o Castro de Mondim o que aparenta reunir melhores condições, não só pela sua localização e dimensões mas também pela imponência das estruturas ainda reconhecíveis.

## O QUADRO DO POVOAMENTO ROMANO

A reorganização administrativa do território que se terá seguido à conquista romana mostra-nos a margem Sul do Douro (Alarcão 1990: 367) dividida em *civitates* com territórios de menores dimensões do que as do Centro e Sul de Portugal. Na zona de Lamego ficaria a dos *Coilarni*. Um marco delimitatório de Nerva, encontrado em Goujoim (Vaz 1979), um pouco para nascente da área que estudamos, indica-nos o limite oriental dos *Coilarni* que aqui confrontava com os *Arabrigenses*. A Norte, o limite da *civitas* seria o Douro e, a Sul, as serras de Montemuro, Leomil e Lapa (Alarcão 1988: 38). A localização da capital é incerta. A importância dos vestígios encontrados em Cárquere faz deste local um centro aparentemente mais importante do que Lamego, restando no entanto a possibilidade de se localizar já fora desta *civitas*, no território dos *Paesuri*.

A importância de Lamego, mesmo não se lhe atribuindo a capitalidade do território, destaca-se perfeitamente no contexto da área em estudo. Assim o justificam a quantidade e qualidade dos vestígios aí encontrados (planta anexa). Em primeiro lugar os dados da epigrafia: mais de metade (9 em 16) das epígrafes latinas do território que estudamos provêm da cidade. A onomástica revela uma população essencialmente indígena. Destaque-se, porém, a categoria social dos intervenientes registados numa placa, de apurado lavor clássico, conservada na Igreja de Almacave: a defunta é identificada pelo *nomen* e *cognomen* – IVLIAE MARCELLAE –, a cidadania do marido é atestada pelos *tria nomina* – QVINTVS SCAIVIVS VEGETVS. Numa outra epígrafe funerária encontrada na cidade, identificam-se os descendentes de uma indígena proveniente da *civitas* dos *Meidubrigenses* – BOVTIA MEIDVBRIGENSIS. Poderemos ver aqui um indício de atracção populacional exercida por Lamego sobre indígenas de outras *civitates*, ou tratar-se-á apenas de um facto isolado? O aparecimento de elementos de estatuária em mármore na zona de Almacave, na cidade de Lamego, reforça ainda a ideia da importância crescente deste centro que se irá tornar sede episcopal na época suevo-visigoda.

A organização do seu espaço e da topografia do aglomerado em época romana está ainda por conhecer. A cartografia dos vestígios que ensaiamos (*vide*



Povoamento romano nos vales de Varosa e Balsemão.

planta anexa) permite-nos supor a localização do núcleo do povoado nas vertentes do actual Bairro do Castelo, com uma das necrópoles situada na zona periférica a Norte e outra talvez na zona de Almacave. Porém, só a realização de pesquisas arqueológicas no solo urbano permitirá um dia esclarecer com rigor não só essa hipótese, mas também a cronologia e grau de urbanização desta localidade.

Os contornos da transformação da estrutura do *habitat* rural e da rede de povoamento que a ocupação romana opera na região estão ainda longe de poder ser traçados com precisão. A distribuição dos vestígios de *habitat* aberto sugere a expansão deste tipo de assentamento, que então se terá dispersado por encostas

e vales. Que cronologias apontar para este processo? A escassez do espólio de superfície e a falta de estudos regionais sobre a evolução das cerâmicas comuns dificultam qualquer tentativa de análise diacrónica com base nestes elementos.

A análise espacial do povoamento não é muito mais esclarecedora. A forte concentração de estações na zona do vale do Varosa, situada entre Tarouca e Salzedas, poderá expressar a atracção exercida pela fertilidade dos seus campos, mas o contraste observável com a vertente para o Douro e a área em volta de Lamego será muito mais a expressão da falta de trabalhos de campo nestas últimas.

No seu conjunto, as estações identificadas caracterizam-se pelo aparecimento de *tegulae*, cerâmica comum, elementos de colunas, mós e pedra miúda de construções. A avaliar pela dispersão dos materiais, a área ocupada nunca é muito extensa, embora saibamos que este critério possa depender de muitos factores – como o próprio estado actual dos solos. O caso da estação nº 27, Leirós/Portela, na Ucanha, por nós conhecida desde há vários anos, é neste campo elucidativa. Uma visita recente ampliou a área da estação para mais do dobro, após os terrenos envolventes terem sido arroteados para a plantação de um novo pomar.

A identificação do tipo de estrutura que caracterizaria cada um dos locais é ainda mais problemática, podendo muitos deles certamente corresponder a «casais» ou estabelecimentos de vocação agrícola. Duas das estações, porém, destacam-se do conjunto, pela importância dos vestígios conhecidos: Paço, em Meijinhos (nº 7), de onde se conhecem uma estela funerária e uma ara dedicada ao Sol; e Tintureira, em Salzedas (nº 23), único local em que até agora se recolheu *sigillata* à superfície e onde as enormes e bem talhadas pedras almofadadas fazem supor uma construção de vulto.

Um outro aspecto que aguarda ainda investigação, e que é essencial para entender o quadro do povoamento, é o da viação romana. A inexistência de marcos miliários nesta zona impede a identificação, ainda que aproximada, de qualquer traçado viário. O miliário atribuído por J. Alarcão (Alarcão 1988: 4/49) ao lugar do Padrão, na freguesia de Tarouca, carece ainda de confirmação. Trabalhos de prospecção por nós realizados nessa zona por ocasião da preparação do Plano Director Municipal de Tarouca (Teixeira 1992) levaram-nos, para além do reconhecimento do referido padrão – que não apresenta qualquer epígrafe, mas uma cruz gravada no seu topo – à descoberta de um outro, em tudo idêntico ao primeiro. Pela sua implantação, que parece ser a original, julgamos tratar-se mais provavelmente de marcos delimitatórios do couto do mosteiro cisterciense de S. João de Tarouca.

Para além da ligação ao Douro, e sua travessia, que a região teria forçosamente que ter, a ligação para Sul, para a zona de Viseu, seria feita por Castro Daire, atravessando a Serra, ou então, mais provavelmente, pela zona de Moi-

menta da Beira, mais povoada e onde existem vestígios da sua passagem (miliários e calçada). Este eixo para o interior da Beira é, aliás, em parte, coincidente com o que veio a ser utilizado durante a Idade Média, entre Lamego e Trancoso.

## INVENTÁRIO DE SÍTIOS E ACHADOS ROMANOS

### Nº 01 S. Domingos

Localização: Viseu, Armamar, Fontelo

Coord. Gaus: M- 232.45; P- 461.35. Altitude: 738 m. Fl.: 127

Caracterização: Povoado fortificado muito destruído pelas pedreiras e acessos à capela. Restam alguns vestígios das muralhas e cerâmica pré-romana.

Bibliografia: FERNANDES 1961; COSTA 1979: 165; TEIXEIRA 1982; SILVA 1986: n° 872; TEIXEIRA *et al.* 1990: 127.2.

### Nº 02 Galiana/Naçarões

Localização: Viseu, Armamar, Fontelo

Coord. Gaus: M- 233; P- 461. Altitude: 630 m. Fl.: 127

Caracterização: Vasta área de dispersão de *tegulae*, cerâmica comum, mós, pesos de tear, pedras de construções. Notícia do aparecimento de um forno que se encontra soterrado.

Bibliografia: ALBUQUERQUE 1961: 6; TEIXEIRA 1982; MONTEIRO 1984: 244.

### Nº 03a Campo do Tabolado

Localização: Viseu, Lamego, Almacave

Coord. Gaus: M- 227.2; P- 459.1. Altitude: 520-530 m. Fl.: 137

Caracterização: Vestígios de necrópole romana, detectados em 1852, de que se conservam dois vasos. Um, de cerâmica negra, apresenta decoração brunida e o grafito IVNI SEVERI. O outro, uma bilha de pasta beije, apresenta decoração geométrica pintada, castanho-alaranjada, e o grafito: RVFINII CAF (!) MA ou NA NI (?) NV. Os vasos foram encontrados «dentro de túmulos, dez palmos abaixo dos alicerces do Convento dos Eremitas de Sto. Agostinho».

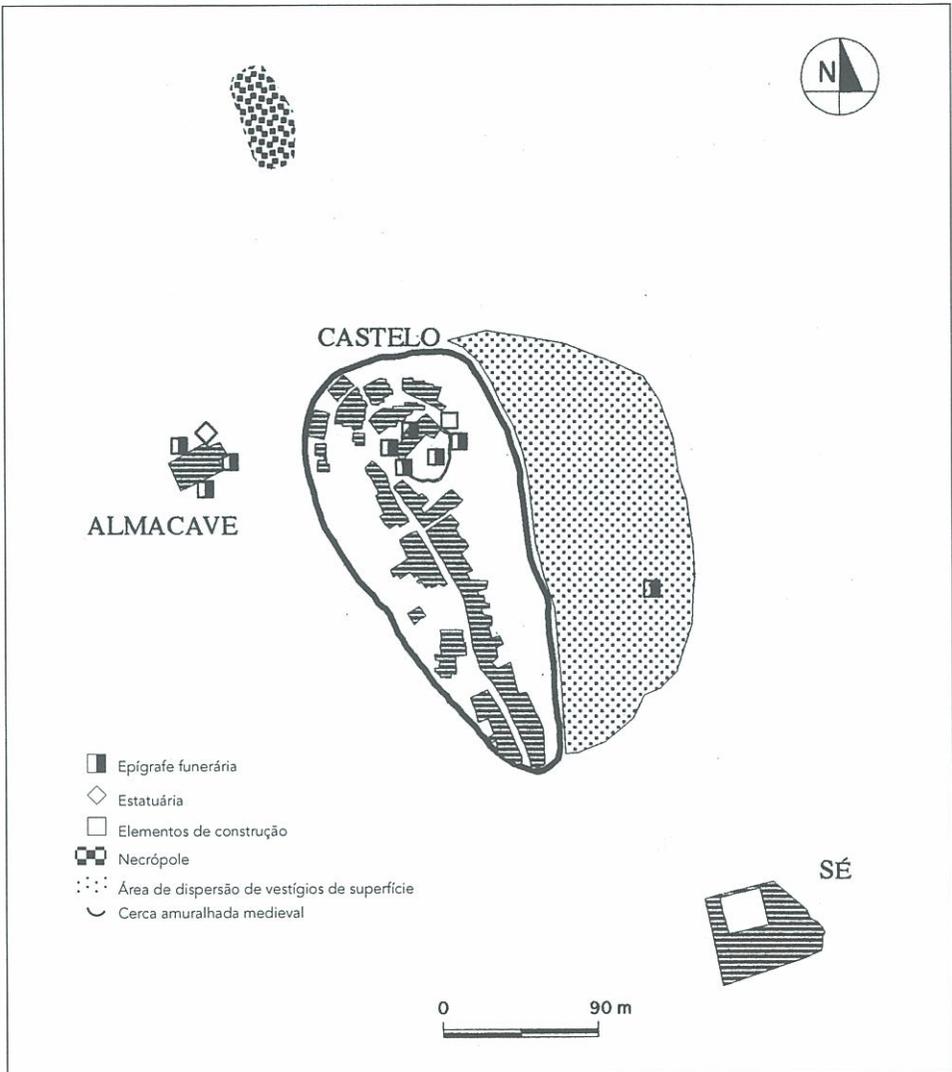
Bibliografia: SERPA PINTO 1926; ALARCÃO (A.) 1975: 104; TEIXEIRA 1982; ALARCÃO 1988: 4/7; TEIXEIRA *et al.* 1990: 137.15.

### Nº 03b Igreja de Almacave

Localização: Viseu, Lamego, Almacave

Coord. Gaus: M- 227.1; P- 458.9. Altitude: 520 m. Fl.: 137

Caracterização: Duas estelas funerárias com onomástica essencialmente indígena: *Cvlva*, *Pavgendia*, *Doqirvs*, *Tvreibs*, *Ibdoena*, *Talote*, *Vegetvs*. Uma placa funerária de moldura clássica, *ductus* cuidado e onomástica latina: *Ivlia Marcela*, *Marcvs*, *Qvintvs*



Lamego, vestígios romanos.

Scaevivs Vegetvs. Notícias do aparecimento de moedas romanas. Conservam-se no Museu Regional de Lamego uma cabeça e uma estátua romana em mármore, representando figuras femininas, que seriam provenientes desta zona.

Bibliografia: COSTA 1977: 47; 1979: 23; TEIXEIRA 1982; VAZ 1982 a; TEIXEIRA *et al.* 1990: 137.16.

### Nº 03c Castelo de Lamego

Localização: Viseu, Lamego, Almacave

Coord. Gaus: M- 227.2; P- 459. Altitude: 550 m. Fl.: 137

Caracterização: Uma placa e quatro estelas funerárias provenientes dos muros do castelo.

Onomática presente: *Camala*, *Argvs*, *Rvfinvs*, *Vegetvs*, *Catvro*, *Virivs*, *Coporvs Celtivs*, *Bovtia Meid(ubrigenses)*, *Pisiria*, *Bovtia*, *Cilvs*, *Amoena*, *Avita*. A cerca do castelo e da cidade reutiliza pedras almofadadas ou com marca de forfix que poderão ser romanas.  
Bibliografia: VAZ 1982a; TEIXEIRA 1982; SILVA 1986: n° 869.

#### N° 03d Quinta do Castelo

Localização: Viseu, Lamego, Sé

Coord. Gaus: M- 227.35; P- 558.9. Altitude: 490-520 m. Fl.:

Caracterização: Estela funerária com onomástica indígena: *Talticvs*, *Venatvs*. Ao longo de toda a encosta virada a NE, grande dispersão de *tegulae* e cerâmica comum.

Bibliografia: Estação arqueológica inédita. TEIXEIRA 1982; VAZ 1982a: 517.

#### N° 04 Bairral

Localização: Viseu, Lamego, Britiande

Coord. Gaus: M- 230.3; P- 454.9. Altitude: 400. Fl.: 137

Caracterização: Ara romana dedicada a IOM, conservada na capela de S. Gonçalo. Cerâmica comum e *tegulae*. Notícia de aparecimento de moedas e «fornos».

Bibliografia: JESUS 1949; TEIXEIRA 1982; ALARCÃO 1988: 4/21; TEIXEIRA *et al.* 1990: n° 137.18; GARCIA 1991.

#### N° 05 Maia/Sta. Bárbara

Localização: Viseu, Lamego, Lalim

Coord. Gaus: M- 226.25; P- 450.15. Altitude: 1006 m. Fl.: 137

Caracterização: Povoado fortificado proto-histórico. Apresenta uma linha de muralha com um derrube bem evidente do lado Sul. Cerâmica comum e *tegulae*.

Bibliografia: COSTA 1979: 81; TEIXEIRA 1982; SILVA 1986: n° 871; TEIXEIRA *et al.* 1990: n° 137.14.

#### N° 06 Parafita

Localização: Viseu, Lamego, Lazarim (Parafita)

Coord. Gaus: M- 222.9; P- 450.95. Altitude: 840-860 m. Fl.: 137

Caracterização: Mós, cerâmica comum, *tegulae* e pedras faceadas de construções.

Bibliografia: FERNANDES 1978: 16; COSTA 1979: 87; TEIXEIRA 1982.

#### N° 07 Paço

Localização: Viseu, Lamego, Meijinhos

Coord. Gaus: M- 224.9; P- 452.7. Altitude: 700-730 m. Fl.: 137

Caracterização: Mós, cerâmica comum, *tegulae*, fustes de coluna e duas inscrições – uma funerária e outra votiva. A estela funerária, em granito, possui um frontão com um símbolo astral (crescente), e apresenta o seguinte texto: CESEA . CEL/TI . F(ilia) . ANN(orum)/XVIII (duodeviginti)/PARENTES/F(aciendum) . C(uraverunt) . H(ic) . S(ita) . E(st). S(it)/T(ibi) T(erra) . L(evis). A ara, em arenito, é consagrada ao Sol e apresenta

numa das faces laterais uma roseta de seis pontas dentro de um círculo, na face posterior uma cara rudemente lavrada e na outra o texto: SOLI/SACRU/M.

Bibliografia: ALMEIDA 1972; COSTA 1979: 93; TEIXEIRA 1982; VAZ 1983; ALARCÃO 1988: 4/20; TEIXEIRA *et al.* 1990: n° 137.13.

#### N° 08 Cimal/Quintela de Penude

Localização: Viseu, Lamego, Penude

Coord. Gaus: M- 224.4; P- 455.1. Altitude: 860 m. Fl.: 137

Caracterização: Estela funerária com representação da lua e de três figuras humanas. Onomástica: F(lavivs) PAR(ratvs), TON(gio) ou TON(giae) ou TON(getae). Dada a proximidade do local de proveniência deste achado com a da estação por nós identificada na Póvoa, devem associar-se estes elementos num mesmo contexto.

Bibliografia: FIGUEIREDO 1888: 172; TEIXEIRA 1982; VAZ 1982a: 508; ALARCÃO 1988: 4/19.

#### N° 09 Vessadas/Carvalho do Bispo

Localização: Viseu, Lamego, Penude

Coord. Gaus: M- 222.9; P- 457.1. Altitude: 930-940 m. Fl.: 137

Caracterização: Cerâmica comum e *tegulae* dispersas ao longo da encosta virada a SE.

Bibliografia: COSTA 1975: 11; TEIXEIRA 1982.

#### N° 10 S. Pedro de Balsemão

Localização: Viseu, Lamego, Sé

Coord. Gaus: M- 229.4; P- 459.85. Altitude: 340-350 m. Fl.: 137

Caracterização: Duas placas funerárias com antropónimos indígenas (Caturo; Camala; Celtivs; Maelo); ara votiva com as iniciais F S (Fortunae Sacrum ou Fontanae Sacrum); término augustal (Cláudio, ano 43) mutilado e sem a identificação dos povos. No interior da capela encontram-se fustes de colunas e capiteis romanos. Nos muros das redondezas encontram-se outros fustes e silhares almofadados ou com marca de forfex. O carácter de reaproveitamento de todos estes vestígios, a sua variedade e a ausência de qualquer estação arqueológica nas imediações, aconselham precaução na atribuição da proveniência original destes materiais.

Bibliografia: ALMEIDA 1962: 122-130, 222, 224; TEIXEIRA 1982; VAZ 1982: 259-267; ALARCÃO 1988: 4/6 .

#### N° 11 Torrão

Localização: Viseu, Lamego, Valdigem

Coord. Gaus: M- 229.9; P- 464.65. Altitude: 165 m. Fl.: 126

Caracterização: Povoado fortificado muito destruído pela cultura da vinha, conservando apenas vestígios do fosso. Aqui terá sido descoberto um tesouro de moedas romanas que se dispersou. São visíveis fragmentos de cerâmica pré-romana, romana e medieval.

Bibliografia: SOARES 1907: 6; TEIXEIRA 1982; SILVA 1986: N° 867; TEIXEIRA *et al.* 1990: n° 126.9.

**Nº 12 Póvoa**

Localização: Viseu, Lamego, Vila Nova de Souto d'El-Rei

Coord. Gaus: M- 224.3; P- 454.3. Altitude: 850 m. Fl.: 137

Caracterização: Cerâmica comum, *tegulae*, fuste de coluna. A estela funerária atribuída a Cimal, Quintela de Penude, deve estar de algum modo relacionada com estes vestígios, dada a proximidade dos locais.

Bibliografia: Estação arqueológica inédita. TEIXEIRA 1982.

**Nº 13 Fonte d'El-Rei**

Localização: Viseu, Lamego, Vila Nova de Souto d'El-Rei

Coord. Gaus: M- 225.6; P- 457.7. Altitude: 620-640 m. Fl.: 137

Caracterização: Cerâmica comum e *tegulae*.

Bibliografia: SOUSA 1929: 211; TEIXEIRA 1982.

**Nº 14 Corredoura**

Localização: Viseu, Tarouca, Dalvares

Coord. Gaus: M- 231.25; P- 452.1. Altitude: 511 m. Fl.: 137

Caracterização: Ao longo da encosta E do monte de Sta. Bárbara, junto à Escola Primária, surgem vestígios de cerâmica e telha romana, sendo difícil de determinar a extensão real da estação, devido ao forte declive do terreno que facilita o arrastamento de materiais da zona superior.

Bibliografia: Estação arqueológica inédita. TEIXEIRA 1992.

**Nº 15 Quinta do Arco de Paradela**

Localização: Viseu, Tarouca, Dalvares

Coord. Gaus: M- 231.5; P- 450.25. Altitude: 520 m. Fl.: 137

Caracterização: Vestígios constituídos por grande quantidade de *tegulae* e cerâmica comum. Notícia do aparecimento de um forno.

Bibliografia: Estação arqueológica inédita. TEIXEIRA 1992.

**Nº 16 Paço**

Localização: Viseu, Tarouca, Dalvares

Coord. Gaus: M- 231.65; P- 452.4. Altitude: 475-485 m. Fl.: 137

Caracterização: Na encosta actualmente ocupada com um pomar, a Norte do cemitério, em terrenos pertencentes à Casa do Paço, detecta-se à superfície grande quantidade de *tegulae*, alguma cerâmica comum, mós manúarias rotativas, um fuste e uma base de coluna. Segundo informações orais do proprietário, o arroteamento daquele terreno, realizado nos anos 60, foi muito dificultado pela grande densidade de pedras de construções aí existentes, agora reutilizadas nos «calços», e mais a Norte teria aparecido uma sepultura.

Bibliografia: Estação arqueológica inédita. TEIXEIRA 1992.

**Nº 17 Sta. Bárbara/Castelo/Castro Rei**

Localização: Viseu, Tarouca, Dalvares



Santa Bárbara/Crasto (n° 17).



Valverde/Quinta dos Castros (n° 22).



Leirós/Portela (n° 27).

Coord. Gaus: M- 231; P- 452. Altitude: 623 m. Fl.: 137

Caracterização: Importantes vestígios de um povoado fortificado situado no monte onde se ergue a capela de Sta. Bárbara. Identificam-se duas linhas de muralhas: a exterior, assinalada por um talude e grande concentração de pedra miúda, abrange um vasto perímetro, e a interior, de aspecto diferente, constituída por blocos de maiores dimensões, de formas irregulares mas bem unidos, delimita um espaço restrito, em volta da capela actual. Nunca foram realizadas aqui quaisquer tipo de intervenções arqueológicas, mas a cerâmica recolhida à superfície aponta para uma ocupação pré e proto-histórica, não sendo no entanto de excluir a hipótese de o local ter sido eventualmente ocupado posteriormente, embora não se tenham identificado aqui quaisquer elementos claramente romanos ou medievais.

Bibliografia: MOREIRA 1924: 30; COSTA 1979: 121; GEPB «Tarouca»: 742-743; FERNANDES 1982-88, 42 (3): 522-531; TEIXEIRA 1992.

#### N° 18 Quinta de S. Bento

Localização: Viseu, Tarouca, Gouviães

Coord. Gaus: M- 230.75; P- 454.3. Altitude: 420-430 m. Fl.: 137

Caracterização: A área arqueológica localiza-se numa plataforma situada imediatamente a W da casa da Quinta de S. Bento, em terreno actualmente cultivado com pomar. Os vestígios detectados à superfície incluem uma sepultura medieval escavada na rocha, *tegulae*, mós manúarias rotativas e cerâmica comum, denunciadores muito provavelmente duma ocupação deste local ao longo do período tardo-romano e medieval.

Bibliografia: Estação arqueológica inédita. TEIXEIRA 1982; TEIXEIRA 1992.

#### N° 19 Penalva

Localização: Viseu, Tarouca, Gouviães (Eira Queimada)

Coord. Gaus: M- 231.7; P- 455. 4. Altitude: 400 m. Fl.: 137

Caracterização: Área arqueológica revelada pelo aparecimento de fragmentos de *tegulae* e alguma cerâmica comum, quando procediam a saibramentos e remoção de terras para construção duma casa.

Bibliografia: Estação arqueológica inédita. TEIXEIRA 1992.

#### N° 20 Castro

Localização: Viseu, Tarouca, Mondim da Beira

Coord. Gaus: M- 233.9; P- 449.4. Altitude: 855 m. Fl.: 148

Caracterização: Povoado fortificado de altitude, dominando vastos horizontes sobre a bacia do Varosa, apresenta duas linhas de muralhas. A primeira é constituída por um talude que envolve a zona central, mais elevada, do povoado. A segunda, de pedra bem faceada, define um perímetro maior, conservando troços com cerca de três metros de altura. Sondagens aí efectuadas, em 1914, revelaram construções de planta circular e quadrangular e um importante espólio constituído por machados de pedra polida, fíbulas de bronze, cerâmica comum, lucernas, *terra sigillata*, ânforas, vidros e moedas romanas. Os vestígios apontam para a existência de um primitivo povoado fortificado, do Bronze Final, restringido à plataforma definida pelo talude central, que teria depois evoluído ao longo da Idade do Ferro até à época romana, alargando o seu perímetro, agora protegido por uma imponente muralha de pedra. Vestígios encontrados nas referidas sondagens dos inícios do século apontam para a extensão do povoado, já em época romana, para zonas extra-muros.

Bibliografia: MOREIRA 1924: 28; VASCONCELLOS 1933: 13-60; PONTE 1986; TEIXEIRA 1992.

#### Nº 21 Quintiã

Localização: Viseu, Tarouca, S. João de Tarouca

Coord. Gaus: M- 233.1; P- 445.1. Altitude: 850-880 m. Fl.: 148

Caracterização: *Habitat* romano cujos vestígios – *tegulae*, cerâmica comum e *dolia* – se revelam ao longo da encosta SE do monte. Embora o estado do solo, inculto, dificulte a observação de vestígios, é provável que estes se estendam à plataforma superior do monte.

Bibliografia: MOREIRA 1924: 29-30; VASCONCELLOS 1933: 211; TEIXEIRA 1992.

#### Nº 22 Valverde/Quinta dos Castros

Localização: Viseu, Tarouca, Salzedas

Coord. Gaus: M- 232.6; P- 456. Altitude: 630 m. Fl.: 138

Caracterização: Vestígios romanos evidenciados pela presença de abundantes fragmentos de *tegulae*, alguma cerâmica comum e um capitel toscano em granito. Nesta mesma encosta sobranceira a Vila Pouca, onde é tradição ter existido uma povoação desaparecida, tinham surgido dois «púcaros» romanos, um dos quais depositado no Museu Nacional de Arqueologia.

Bibliografia: VASCONCELLOS 1933: 418-419; GEPB «Salzedas»: 837; TEIXEIRA 1992.

#### Nº 23 Tintureira

Localização: Viseu, Tarouca, Salzedas

Coord. Gaus: M- 234.3; P- 454.9. Altitude: 570-590 m. Fl.: 138

Caracterização: A área arqueológica detectada situa-se numa encosta voltada a SE, em terrenos cultivados com pomar. Para além dos vestígios de *tegulae*, *dolia* e cerâmica comum romana, a importância do local é acentuada pela presença de um fragmento de *terra sigillata* hispânica e de vários silhares e pedras almofadadas, reveladoras da existência de construções importantes.

Bibliografia: Estação arqueológica inédita. TEIXEIRA 1992.

**Nº 24 Paradela/Monte Ladairo**

Localização: Viseu, Tarouca, Tarouca

Coord. Gaus: M- 230.9; P- 450.6. Altitude: 480-516 m. Fl.: 137

Caracterização: O aparecimento de vestígios arqueológicos nesta área foi pela primeira vez documentado em 1923, quando, ao proceder-se a um saibramento, surgiram elementos de construções – colunas, pedras, tijolos, fornos, uma sepultura – e objectos de cerâmica e vidro. Não tendo desde essa data havido mais notícias referentes a estes vestígios, é actualmente possível identificar à superfície destes terrenos, agora cultivados com vinha e pomar, grande quantidade de *tegulae* e cerâmica comum, assim como fragmentos de mós rotativas e pedras de construções. Torna-se difícil com os escassos elementos disponíveis atribuir uma cronologia exacta para a ocupação deste local, mas estamos em crer poder estar em presença de um *habitat* romano, possivelmente tardio, com continuidade na Alta Idade Média, sendo curioso o facto de, em 1273, os juizes de Tarouca terem obtido uma vinha nesta zona, com a intenção de nela «fazer a villa».

Bibliografia: MOREIRA 1924: 30, 178-180; TEIXEIRA 1982; TEIXEIRA 1992.

**Nº 25 Sta. Luzia**

Localização: Viseu, Tarouca, Tarouca

Coord. Gaus: M- 228.7; P- 450.55. Altitude: 605. Fl.: 137

Caracterização: No esporão em que se implanta a capela de Sta. Luzia, e a W desta, identificam-se grandes quantidades de *tegulae*, pedra miúda de construções, uma soleira de porta e dois fustes de coluna, um com 27 cm e outro com 32 cm de diâmetro. A reduzida cerâmica detectada não nos permite atribuir uma cronologia romana segura para este sítio, podendo mesmo tratar-se de vestígios alto-medievais.

Bibliografia: Estação arqueológica inédita. TEIXEIRA 1992.

**Nº 26 Sr. dos Vales/Souto das Quintas**

Localização: Viseu, Tarouca, Tarouca

Coord. Gaus: M- 228.5; P- 451.1. Altitude: 595 m. Fl.: 137

Caracterização: A detecção de vestígios nesta área fica a dever-se às destruições provocadas quer pelo arroteamento de um antigo souto para plantação de pomar quer pelo novo traçado viário que intercepta o local. À superfície são abundantes os fragmentos de *tegulae*, *dolia*, cerâmica comum, mós rotativas e pedras miúdas reveladoras de construções destruídas recentemente.

Bibliografia: Estação arqueológica inédita. TEIXEIRA 1992.

**Nº 27 Leirós/Portela**

Localização: Viseu, Tarouca, Ucanha

Coord. Gaus: M- 232.95; P- 453.25. Altitude: 530-550 m. Fl.: 138

Caracterização: *Habitat* romano e medieval revelado pelo existência duma sepultura medieval escavada na rocha e pelo aparecimento à superfície de cerâmica comum e *tegulae*. O local foi recentemente muito afectado pelos trabalhos de arroteamento para

um pomar que destruíram as estruturas existentes, revelando grandes quantidades de cerâmica comum, *dolia*, silhares, mós e vários fustes de colunas.

Bibliografia: VASCONCELLOS 1933: 319; FERNANDES 1955; TEIXEIRA 1982; TEIXEIRA 1992.

#### **Nº 28 S. Mamede/Castelo**

Localização: Viseu, Tarouca, Vila Chã da Beira

Coord. Gaus: M- 237; P- 450. 7. Altitude: 750 m. Fl.: 138

Caracterização: Junto à capela, cuja arquitectura não evidencia grande antiguidade, apesar de se encontrar ritualmente orientada, surgem fragmentos de *tegulae* e alguma cerâmica comum. Devido ao estado inculto dos terrenos envolventes, torna-se difícil delimitar a área de dispersão de materiais, impedindo uma mais correcta caracterização da estação. O topónimo Castelo, a sua associação com o hagiotopónimo S. Mamede, deixam supor estarmos perante um provável contexto romano e alto-medieval.

Bibliografia: Estação arqueológica inédita. TEIXEIRA 1992.

#### **Nº 29 Castro de Penude**

Localização: Viseu, Lamego, Penude

Coord. Gaus: M- 224; P- 458.75. Altitude: 984 m. Fl.: 137

Caracterização: Povoado fortificado de reduzidas dimensões. Possui uma muralha pétreia identificável pelo amontoado dos derrubes, e por alguns dos alinhamentos detectados à superfície. Tira grande partido das condições naturais do outeiro, dominando o Vale do rio Balsemão e a zona envolvente de Lamego.

Bibliografia: SOUSA 1920; COSTA 1977;1979; TEIXEIRA 1982; SILVA 1986: nº 870; TEIXEIRA *et al.* 1990: 137.10.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ALARCÃO, Jorge de – *Roman Portugal*. Warminster, England: Aris & Phillips LTD, 1988, 4 vols.
- ALARCÃO, Jorge de – *O domínio Romano em Portugal*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988(a).
- ALARCÃO, Jorge de – *O domínio Romano*. In SERRÃO, Joel e MARQUES, A. H. de Oliveira, eds. – *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1990. Vol. I: Portugal das Origens à Romanização, p. 343-489.
- ALARCÃO, Jorge de – *A cidade romana em Portugal: a formação de «lugares centrais» em Portugal, da Idade do Ferro à Romanização*. In «Cidades e História. Ciclo de conferências promovido pelo Serviço de Belas-Artes em Novembro de 1987». Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, p. 35-71.
- ALARCÃO, Jorge de – *A cidade romana em Portugal: renovação urbana em Portugal na época romana*. In «Cidades e História. Ciclo de conferências promovido pelo Serviço de Belas-Artes em Novembro de 1987». Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992(a), p. 73-127.

- ALARCÃO, Adília Moutinho de – *XI-Cerâmiques Peintes*. In «A propos des céramiques de Conímbriga». «Conímbriga». Coimbra. 14 (1975), p. 102-107.
- ALBUQUERQUE, Pina Manique e – *Origens de Lamego. I. Laconimurgum. Lama. Lamaticon. Urbs lemecenorum*. Porto, 1961.
- ALMEIDA, Fernando de – *Inscrição romana consagrada ao deus Sol*. «O Arqueólogo Português». Lisboa. 3ª Série, nº 6 (1972), p. 263-266.
- AZEVEDO, Correia de – *Património Artístico da Região Duriense*. Vila do Conde, 1972.
- COSTA, Manuel Gonçalves da – *Paróquias beiraltinas - Penude e Magueija*. Lamego, 1975.
- COSTA, Manuel Gonçalves da – *História do Bispado e Cidade de Lamego*. Lamego, 1977(vol.I), 1979 (vol.II)...1992 (vol. VI).
- FERNANDES, A. de Almeida – *À roda dos Arcos de Paradela*. «Boletim da Casa Regional da Beira-Douro». Porto. vol. 5, nº 3 (1955).
- FERNANDES, Joaquim Lourenço – *Monografia de Lazarim*. Viseu: FAOJ, 1978. Ed. policopiada.
- FIGUEIREDO, Borges de – *Inscrições de Lamego e da Quintela de Penude*. «Revista Archeologica e Historica». Lisboa. nº 2 (1888), p. 170-172.
- GARCIA, José Manuel – *Religiões Antigas de Portugal. Aditamentos e observações às Religiões da Lusitânia de J. Leite de Vasconcelos - Fontes epigráficas*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1991.
- GORGES, Jean-Gérard – *Les villas Hispano-romaines. Inventaire et Problématique archéologiques*. Paris: Publications du Centre Pierre Paris, 1979.
- JESUS, Júlio dos Santos – *Duas estelas funerárias lusitano-romanas na igreja de Almacave, Lamego*. «Biblos». vol. 23, nº 2 (1947), p. 454-550, e vol. 23, nº 3 (1947), p. 385-386.
- JESUS, Júlio dos Santos – *Uma ara votiva consagrada a Júpiter, na Igreja de S.Gonçalo do Bairral (arredores de Lamego)*. «Museu». Porto. vol. 5, nº 12 (1949), p. 110-116.
- MONTEIRO, J. Gonçalves – *Subsídios para a monografia do concelho de Armamar*. Viseu, 1984.
- MOREIRA, Vasco – *Monografia do Concelho de Tarouca, História e Arte*. Viseu, 1924.
- PONTE, Salete da – *Uma Fíbula de Mondim da Beira (Viseu)*. «Beira Alta». Viseu. vol. 45, nº 1-2 (1986), p. 69-71.
- PINTO, Ruy de Serpa – *Nótulas ceramográficas. 1. Um vaso pintado de Lamego*. «O Archeologo Português». Lisboa. nº 27 (1926), p. 159-164.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 1986.
- SOARES, José Affonso d'Oliveira – *Apontamentos para a historia da villa do Peso da Regoa*. Porto, 1907.
- SOUSA, Ângelo Cruz e – *Castro de Penude*. «O Archeologo Português». Lisboa. nº 24 (1920), p. 203-211.
- TEIXEIRA, Ricardo – *Subsídios para o levantamento arqueológico da região de Lamego*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1982. Trabalho realizado no âmbito das disciplinas de Arqueologia Clássica e de Proto-história Europeia e Peninsular.

- TEIXEIRA, Ricardo – *Património arqueológico do concelho de Tarouca*. In «Plano Director Municipal de Tarouca». Porto, 1992. (Dact.)
- TEIXEIRA, Ricardo – *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996. Dissertação de Mestrado em Arqueologia (policopiado).
- TEIXEIRA, Ricardo; AMARAL, Paulo e RODRIGUES, Miguel – *O Património Arqueológico – Referências*. In «PROZED, Plano Regional de Ordenamento da Zona Envolvente do Douro». Porto: Comissão de Coordenação da Região Norte, 1990. Anexo 2, 92 p.
- TEIXEIRA, Ricardo e SOARES, Nuno – *Prospecção arqueológica na Serra das Meadas, Lamego. Área do Parque Eólico da Fonte da Mesa*. Porto, 1995. (Dact.)
- TRANOY, Alain – *La Galice Romaine. Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'Antiquité*. Paris: Publications du Centre Pierre Paris, 1981.
- VASCONCELLOS, José Leite de – *Memórias de Mondim da Beira*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1933.
- VAZ, João L. Inês – *Marco demarcativo de Goujoim (Armamar)*. In «Actas do Congresso Internacional para a Investigação e Defesa do Património». Alcobaça, 1978.
- VAZ, João L. Inês – *Término augustal de Goujoim (Armamar)*. «Conimbriga». Coimbra. n.º 18 (1979), p. 133-138.
- VAZ, João L. Inês – *Inscrições romanas de Balsemão (Lamego)*. «Beira Alta». Viseu. vol. 41, n.º 1 (1982), p. 257-267.
- VAZ, João L. Inês – *Breve catálogo das inscrições romanas de Lamego*. «Beira Alta». Viseu. vol. 41, n.º 3 (1982)(a), p. 497-526.
- VAZ, João L. Inês – *Lápide romana de Meijinhos*. «Beira Alta». Viseu. vol. 42, n.º 3 (1983), 579-580.